

NOTA ACERCA DE ALGUNS PROJETOS DE COLONIZAÇÃO RUSSA NA AMÉRICA DO SUL DURANTE O SÉCULO XVIII.

Até uns 50 anos atrás, o comércio mundial teve sobretudo um caráter colonial. Os principais países da Europa que tinham monopolizado quase todo esse referido comércio, procuravam ocupar as regiões que ainda não pertenciam às outras potências marítimas, a fim de explorar em seu proveito a economia desses territórios. Às vezes, a ocupação realizava-se pacificamente, outras vezes era-se obrigado a lutar contra os indígenas ainda incultos ou contra os governos primitivos desses países. Esse processo de posse tinha principiado no século XV e já no século seguinte vários conflitos tinham eclodido entre os países colonizadores em consequência da disputa em torno desses territórios ultramarinos. Esses conflitos foram aumentando nos séculos seguintes, até que em nossos dias muitos desses territórios coloniais conseguiram a sua libertação.

A Rússia quase não tomou parte nessas lutas, pois expandiu-se, a partir do século XVI, sobretudo em direção do norte da Ásia, região completamente despovoada ou povoada por pequenas tribos sem importância política. Até Pedro-o-Grande (1682-1725) a Rússia não desempenhou grande papel militar e além disso faltavam-lhe navios para estabelecer relações comerciais diretas com as regiões de além-mar. Pedro-o-Grande transformou a Rússia, levado sobretudo pela ânsia de dar-lhe uma saída para um mar que não gelasse pelo menos durante a metade do ano. Tentou encontrá-la no sul, no Mar Negro, mas foi infeliz; procurou então chegar às margens do Báltico e acabou, após uma guerra de 20 anos contra a Suécia, por conquistar uma grande parte das margens orientais do referido mar. Todavia, como a Suécia era uma das grandes potências militares da época e possuía uma poderosa marinha, Pedro-o-Grande precisou para conseguir esse desiderato modernizar o numeroso, mas irregular exército russo e criar uma esquadra até então inexistente. Assim, em menos de dois decênios a Rússia transformou-se numa grande potência e este fato chamou a atenção não só dos estadistas ocidentais, mas também de numerosos aventureiros que imaginavam encontrar nela tudo aquilo que precisavam para realizar os seus planos mais ou menos fantásticos.

No século de Pedro-o-Grande floresceu o mercantilismo e este czar também considerava como importantíssimo o desenvolvimento

das relações comerciais com o mundo inteiro. As expedições científicas que ele mandou rumo a várias regiões asiáticas foram também incumbidas de estudar a possibilidade do estabelecimento de relações comerciais com as mesmas. Nada resultou daí, mas o comércio, sobretudo o marítimo, com os países ocidentais desenvolveu-se sensivelmente e é provável que a procura pelo governo do czar de numerosos especialistas estrangeiros para a indústria e comércio fêz nascer noções exageradas sobre os interesses russos e sobretudo sobre as suas possibilidades. Pouco se sabia das propostas então recebidas pelos dirigentes russos, porque elas não tiveram qualquer consequência, mas soubemos ultimamente da publicação de um livro em russo por A. V. Efimov, membro-correspondente da Academia de Ciências da U. R. S. S. sobre o assunto (1). Falando do interesse dos russos em estabelecer o comércio direto entre a Rússia e a América (de fato com a parte ocidental dos atuais Estados Unidos da América do Norte e do Canadá) o Autor cita também quatro propostas feitas nesse período ao governo russo a respeito do estabelecimento de colônias suas na América do Sul. Como três desses projetos nunca foram publicados e o quarto o foi já há um século, achamos interessante expor aqui o conteúdo dos mesmos.

*

A primeira dessas propostas data de 1711 e é de autoria de um cidadão inglês chamado Rupert Beck. Este a apresentou ao embaixador russo em Londres, o príncipe Kurakin, sendo a mesma transmitida por este ao czar Pedro-o-Grande. Beck, que era negociante, intitulou o seu projeto de: "Sobre a instalação do comércio na Índia Ocidental", e propôs a ocupação pela Rússia da pequena ilha Tobago, a mais meridional das Antilhas. "Esta ilha, segundo Beck, ficou deserta depois do afastamento dos caraibas. Os curlandeses, enviados pelo príncipe da Curlândia num grande navio de guerra para realizar novas descobertas, tinham desembarcado nessa ilha e fundado aí uma colônia, mas há mais de 20 anos atrás os franceses capturaram a guarnição e fizeram prisioneiro o governador Muin e desde então a ilha é desabitada. Como essa ilha pertencia ao príncipe da Curlândia, alguns ingleses, há alguns anos, a tinham comprado por 10.000 libras com o prazo de um ano para pagamento em caso de atraso deste, a transação seria cancelada. Realmente, o negócio não foi consumado, porque os ingleses não encontraram gente disposta à colonização e a situação da ilha continuava a mesma de antes. Assim Sua Majestade (o czar) poderia comprá-la pelo mesmo preço ou entrar em acôrdo com o príncipe da Curlândia pela maneira que achasse mais conveniente".

(1). — A. V. Efimov, *Da história das grandes descobertas geográficas russas nos Oceanos Ártico e Pacífico na primeira metade do século XVIII*. Moscou. 1950 (em russo).

Mais adiante Beck indica que poder-se-ia organizar uma Companhia Russa das Índias Ocidentais. Tobago seria transformada numa base para o comércio com o continente americano. Não se limitando a isso, Sua Majestade poderia duma maneira disfarçada organizar colônias ou feitorias na América para comerciar com os índios e também para manter comércio proveitoso com franceses, ingleses e espanhóis que possuem aí colônias e do mesmo modo com os aruagas, calibas, caraibas e outros povos índios. “O projeto aponta ainda a possibilidade de comprar-se fumo, açúcar, gengibre, indigo, tartarugas preciosas, limões e laranjas, moinhos para cana de açúcar e um legume raro, uma espécie de batata que tem o gôsto da castanha”.

Na realidade, a ilha Tobago, descoberta por Colombo em 1498, tinha pertencido sucessivamente aos espanhóis, holandeses e ingleses; em 1663 foi ocupada pelos curlandeses, enviados pelo duque (e não príncipe) Jacó (Tiago?), que reinou de 1642 a 1682. Êste teria sido um afilhado do rei Carlos I da Inglaterra que lhe teria dado Tobago. Jacó instalou inicialmente uma colônia na Guiné e mais tarde ocupou Tobago para aí fazer trabalhar com mais lucro os escravos negros apreendidos na África. Tobago foi vendida à uma companhia inglesa em 1699.

A proposta de Beck foi, sem dúvida, devida ao fato do pagamento não ter sido efetuado e à circunstância de que a Curlândia durante a Guerra do Norte ter sido ocupada pelas tropas russas e ainda porque o seu duque Frederico-Guilherme casou-se em 1711 com Ana, sobrinha de Pedro-o-Grande, futura czarina da Rússia (1730-1740). Assim, fica patente que se Pedro-o-Grande quizesse, o projeto de Beck poderia ter sido executado, mas parece que êle nada fêz nesse sentido.

*

O segundo projeto foi encontrado pelo conhecido historiador Zabelin entre os documentos do arquivo central do Ministério do Exterior em Moscou e publicado por êle na revista *Moskvitianin* (O Moscovita) em 1851. Seu autor é desconhecido, mas era provavelmente holandês porque o documento descoberto por Zabelin é traduzido do flamengo. Foi apresentado a Pedro-o-Grande nos últimos anos do seu reinado e tem o seguinte título: “Projeto respeitoso e muito secreto de conquista por Sua Majestade da Grande Rússia de terras muito extensas e ricas”. E’ dividido em quatro partes. Na primeira, denominada “Informações” comunica-se que “na parte sul da América encontram-se mais de 80 reinados, principados, províncias e povos que até esta data não foram conquistados por nenhum soberano europeu e estão livres. Estas terras encontram-se na Magelânia, no Uruguai, Guaira, Paraná, no Brasil-médio, assim como nas Amazônias e na Guiana. Estas terras são férteis, têm clima sadio e são ricas em metais. Podem ser facilmente conquistadas e parece

que podem ser conservadas na posse de Sua Majestade imperial russa. Parte de seus habitantes foi convertida ao cristianismo pelos missionários, mas a maior parte é ainda pagã” (as regiões onde êstes habitavam foram indicadas num mapa junto à proposta, mas Zabelin não o encontrou).

“O que é sobretudo notável é que nestas terras se encontram muitos produtos preciosos, tais como açúcar, cacau, cochonilha (semente de chancelaria) (?), indigo, fumo, couros, lã, linho, sêda, cânhamo, assim como ferro, cobre, estanho, chumbo, salitre e mercúrio. Encontram-se sobretudo em Maldonadas, Tupinambás, Guianas e alhures, ricas minas de ouro, prata em abundância, assim como areia aurífera na terra e em numerosos rios e bastante pesca de pérolas. O autor do projeto esteve na sua mocidade durante muitos anos nessas terras e observou que ali não havia grandes fortalezas e tinha abundância de alimentos, sendo muitos habitantes propensos a se submeterem ao domínio de algum potente reino europeu, ficando completamente subjugados logo que um pequeno exército europeu desembarque aí sem ocupar regiões que sejam espanholas ou portuguesas que são fronteiriças”.

“Para isso, continua o autor na segunda parte da sua proposta intitulada ‘dos meios’, seriam precisos:

- 1) 12.000 soldados e 4.000 dragões (os cavalos podem ser encontrados no local), 60 navios grandes de transporte e 30 menores para navegação fluvial;
- 2) 10 navios de guerra para combôio e fuzis para 40.000 homens;
- 3) — Viveres para 8 ou 9 meses, embora seja possível chegar a essas regiões em três meses;
- 4) — Munições e instrumentos militares em proporção. Dinheiro em caixa: será necessário levar 40.000 guldens para as fortificações, viveres frescos, novos recrutas, prêmios e outras despesas;
- 5) — Professôres, oficiais, comerciantes, engenheiros, marceneiros e outros profissionais.

Como Sua Majestade imperial tem todos êsses meios a seu alcance, a referida expedição não custará muito caro e tudo será reembolsado. Admitindo que êsse exército chegue ao seu destino no prazo de 3 a 4 meses, as terras indicadas, e sobretudo as mais ricas entre elas, poderão ser conquistadas num prazo de 2 ou 3 anos.”

A terceira parte é consagrada “aos lucros que Sua Majestade imperial e seus súditos podem obter com estas terras e que serão muito grandes, podendo se citar os seguintes:

- 1). — Com as receitas dessa terra Sua Majestade imperial poderá manter na Europa 60 a 80.000 soldados ou cavalarianos (*reitars*), assim como 40 ou 50 navios que poderão também prestar-lhe serviço na Europa;
- 2). — As minas de ouro e de prata darão anualmente alguns milhões de guldens;

3). — De cada índio poderá ser exigido anualmente um taler, o que perfazerá também o total de alguns milhões de guldens;

4). — De cada quarto (?) de terra fértil poderá ser cobrado um aluguel de meio gulden por ano;

5). — Poderão ser distribuídas, como propriedades particulares, várias e ricas províncias;

6). — De suas próprias povoações poderá ser extraído ferro, couro da Rússia, madeira, cânhamo para veleiros, linho e salitre para o exército da Livlândia;

7). — O Colégio (departamento) de comércio de Petersburgo poderá comerciar diretamente com essa região ou, por intermédio de privilégios e direitos outorgados, obter muito dinheiro para o erário de Sua Majestade;

8). — Podem ser importadas dessa terras grandes quantidades de sêda, pita (uma espécie de alôes que substitui o cânhamo e o linho), linho, lã, estanho, para ser utilizado em Petersburgo pela indústria manufatureira de objetos que poderão ser exportados para as terras indianas e ali vendidos com grande lucro e com êsse dinheiro poder-se-á importar outra vez açúcar, fumo, cochonilha e outros produtos que pelo Colégio de comércio de Petersburgo poderão ser transportados e vendidos em todos os países europeus;

9). — Mais tarde poderá ser concluído um melhor acôrdo com a Espanha e Portugal a respeito do comércio com o Perú e o Brasil;

10). — Poder-se-á com tudo isso formar muito bons marinheiros e construir muitos navios;

1). — Poder-se-á designar dois ou três patriarcas e vice-reis para exercerem influência moral benéfica nesses povos;

12). — Poder-se-á reembolsar tôdas as despesas desta expedição e cobrar-se anualmente muitos impostos. Destarte o autor calcula que o empreendimento daria ao czar e aos seus súditos uma renda anual de 80 milhões de guldens. Nem que seja conquistada apenas a metade da região, essa parte dará aproximadamente 40 milhões de guldens. Num prazo curto poder-se-á enviar dessas terras para a Europa ou a Ásia 80 ou 100 mil soldados para combater contra os turcos ou persas, para auxiliar Sua Majestade russa a conquistar numerosas terras e cidades, libertar muitos milhares de cristãos da servidão e esmagar os inimigos da Cristandade."

Na quarta parte, a conclusão, o autor dêsse projeto não duvida que Sua Majestade imperial consinta em fornecer para a realização da expedição e seu prosseguimento completo e tão proveitoso quanto realizável com poucos meios, sobretudo quando Sua Majestade receber uma explicação mais pormenorizada que êste autor se dispõe a fornecer, se ela for exigida. Movido pelo amor à glória e maior proveito do acima citado soberano, êle está disposto a auxiliar essa expedição com aplicação, firmeza e fidelidade. Mas é necessário que êsse grande empreendimento seja realizado no maior sigilo, sob um nome alheio e que tudo esteja pronto para o mês de julho."

E o autor termina o seu projeto com uma proposta que, segundo êle, poderá inclinar os conselheiros do czar a aprovar o seu oferecimento: “também poderão ser doadas a onze nobres russos terras do tamanho da Holanda na qualidade de condados, mediante o pagamento de um tributo anual a acima citada Majestade.”

*

Em 1736 chegou em Petersburgo uma terceira proposta, na qual um certo Simão Abrogam ofereceu ao govêrno russo a ocupação duma pequena terra da América do Sul. “Comunicou que a serviço dos holandeses fôra duas vêzes à América em busca de minérios e encontrou em frente da ilha Dapago ou Dabago (Tobago) uma região onde até então não havia chefe de govêrno que garantisse uma existência socegada. Essa região tinha ao longo da costa 40 milhas alemãs (2). Abrogam não sabia até onde ela ia para o interior, mas pensava que em distância seria de 180 milhas alemãs ou mais. Essa região era governada pelo príncipe Júpiter (?) Tarivari que dominava também outros pequenos potentados. Não havia nessa terra habitantes oriundos de povos da Europa, mas perto dela estabeleceram-se espanhóis e holandeses. Os espanhóis estavam nas margens do rio Ornoco (Orenoco), onde começa a Nova Espanha. Não longe daí estava a pequena colônia holandesa de Izaqueb (3).

Abrogam era de opinião que as potências européias não iriam protestar contra a colonização russa, porque não tinham aí nenhuma possessão e que os espanhóis até iriam gostar de ter por vizinho nesse deserto selvagem uma tão grande monarquia, como a russa. Abrogam estivera na América num navio mercante e subira o rio Porimo numa distância de 12 milhas alemãs. Êsse rio é mais largo e mais profundo que outros rios da região. Êle encontrou aí o príncipe Júpiter, em cujo domínio permaneceu três semanas. O príncipe convidou os europeus a se estabelecerem nessas paragens. Os indígenas andavam nus, nota Abrogam. Devido ao grande calor a terra não podia produzir cereais. Comia-se a raiz de corsava (?), da árvore do mesmo nome (4). Não há comércio porque não há com quem comerciar. Poder-se-ia importar daí açúcar, especiarias, café, cacau, corantes preciosos, matérias primas para a fabricação de remédios, algodão e em lugar de balastro, minério de prata misturado com o de ouro. Êle falava também de frutas — limões e tangerinas, assim como de periquitos e outras aves “preciosas”; tudo isso podia ser obtido sem dinheiro. O ar era sadio, a água fresca, os habitantes eram macróbios e tratam bem os europeus que chegam até aí.

Inicialmente, o govêrno de Petersburgo (isto é, o Senado) pensou mandar para a região indicada por Abrogam uma fragata, com

(2). — Uma milha alemã ou geográfica equivale à 4,61 milhas inglêsas.

(3). — Segundo a opinião de Efimov seria Essequibo na Guiana Holandesa.

(4). — Efimov supõe tratar-se da mandioca.

um número apropriado de marinheiros. Pensava que para carregar a fragata com mercadorias poder-se-ia encontrar companhias ou negociantes interessados. O Senado recomendava enviar Abrogam com esse navio, dando-lhe alguma remuneração. Mesmo que nenhum proveito seja conseguido”, diz a decisão governamental, “está viagem será uma ótima prática para os marinheiros”. Apesar dessa decisão favorável, o projeto de Abrogam não teve nenhuma consequência, porque um outro projeto análogo ameaçou provocar, na mesma época, um conflito diplomático, como veremos mais adiante.

*

Este último projeto foi apresentado em 1735, sob grande sigilo, à czarina Ana pelo embaixador russo em Londres, Kantemir, sendo de autoria de um português chamado d'Acosta. Este indivíduo conseguiu organizar na Inglaterra uma companhia para a qual aristocratas e comerciantes ingleses subscreveram 300.000 libras esterlinas, com o intuito de organizar um novo comércio com uma região que se encontrava entre as possessões das corôas da Espanha e Portugal. Não especificou pormenorizadamente onde ficava essa região, mas parece que inicialmente fôra indicada a região entre o Brasil, a Nova Espanha e a Guiana Holandesa. Mais tarde porém, quando Kantemir perguntou à d'Acosta se os russos não poderiam prestar auxílio por meio de expedições partindo das costas siberianas do Pacífico, este respondeu que isso não era possível porque a nova colônia que estava para ser fundada na costa oriental da América do Sul, entre o 25° e 55° de latitude, isto é, entre Desterro e o Cabo Horn.

Antes de ser apresentado o projeto à czarina, êle o foi ao *Privy Council* inglês com o pedido de proteção do governo inglês para o empreendimento. Este Conselho, porém, protelou a resposta, parece que para não provocar o descontentamento das côrtes de Madri e Lisboa. Então d'Acosta apresentou seu projeto a Kantemir que por sua vez o transmitiu à decisão “perpicaz” da czarina. D'Acosta afirmava que havia na América uma região de cerca de 300 milhas de costa, rica em todos os sentidos e habitada por índios que nunca tinham sido conquistados nem dominados por qualquer monarca ou estado europeu.

Existiria ali um grande e ótimo pôrto muito próprio para nele ser estabelecida uma colônia. D'Acosta não indicou esse pôrto para o bom andamento da empresa. Havia ali ouro, prata, algodão, couros, lã, açúcar, fumo e diversas madeiras corantes. D'Acosta pediu um privilégio da corôa da Rússia: proteção à companhia e outorga em propriedade a d'Acosta e seus companheiros de tôdas as terras, ilhas, mares, rios, embocaduras e golfos que ainda não estivessem ocupados pelas potências européias. O texto desse privilégio tinha sido copiado de outros já outorgados pelo governo inglês a companhias análogas. Entretanto alguns dos subscritores do capital da companhia exprimiam dúvida: não seria contrária às leis inglê-

sas a sua participação numa empresa protegida por um governo estrangeiro? Os juriconsultos ingleses, consultados por d'Acosta, responderam que um súdito inglês não podia auxiliar o monarca de um outro país a adquirir novos territórios, mas não estava proibido aos ingleses de comerciar sob a proteção de um monarca estrangeiro. Depois disso, d'Acosta modificou suas propostas ao governo russo. Este deveria organizar a colônia projetada com o auxílio dos navios de sua armada. Em consequência, d'Acosta foi convidado a ir a Petersburgo para dar explicações pessoais sobre a sua proposta. Entretanto, elle não foi, mas mandou em seu lugar o capitão de marinha Speedwell (na realidade capitão Opie) e o italiano Canioni, que era o seu agente comercial.

Entretanto, o projeto encontrou na própria Inglaterra uma opposição chefiada pelo duque de Bridgewater que, segundo uma carta de Kantemir, declarou que "a um súdito inglês é inconveniente é muito deshonesto aumentar com o seu dinheiro o poderio duma potência que mesmo sem a expansão do seu comércio já é bastante temível para toda a Europa."

Em abril de 1736 a companhia se dissolveu e d'Acosta comunicou a Kantemir que os seus antigos sócios tinham enviado para a América dois navios (um deles com 18 canhões), para fundar ali uma colônia e pediu ao governo russo que mandasse para lá navios mais poderosos para, em caso de necessidade, poder expulsar os ingleses da colônia, "pois estes eram piratas marítimos." Este pedido não teve nenhuma consequência.

Todavia, a chegada de Speedwell e Canioni a Petersburgo foi logo seguida por uma carta do embaixador inglês nessa cidade, Sir Rondo, annunciando ao primeiro ministro Walpole o aparecimento destes "ingleses suspeitos." Em agosto de 1736, Walpole exprimiu a Rondo a esperança de poder elle conseguir facilmente a rejeição dos projetos de Speedwell e Canioni. Entretanto, ainda em 1737, o representante espanhol em Petersburgo, Geraldino, escreveu ao secretario de estado inglês Harrington uma nota referente à intenção do governo russo de fundar uma povoação na parte da América que, segundo a opinião da corte de Madri, pertencia à Sua Majestade Católica. Por ordem do rei Jorge II, Harrington enviou a cópia desta nota a Rondo para este informar o que havia de exato nela, "caso a Rússia pretendesse realmente ocupar um país ou uma região pertencente à corôa espanhola, o embaixador deverá, — em virtude da intangibilidade de todas as possessões espanholas ser garantida por Sua Majestade real — baseando-se nas boas relações entre o rei e a czarina, cuidar de dissuadir Sua Majestade de tal intenção." Foi indicado também a Rondo para "fazer estas representações num tom muito delicado e amável para que nelas não se possa perceber algo de parecido com uma ameaça."

No dia 13 de outubro de 1737 Rondo fez sua representação ao chefe do governo russo Biron e ao vice-chanceler Osterman, que lhe

asseguraram que a imperatriz nunca tencionara estabelecer povoações em parte alguma da América do Sul. Rondo confiava na sinceridade de Biron, mas duvidava da de Osterman, porque êste tivera conversas com Speedwell e Canioni, havia-lhes feito promessas e tinha-lhes fornecido dinheiro para cobrir algumas de suas despesas.

Com isso, terminaram as conversações a respeito da fundação de colônias russas na América do Sul. Como vimos, sua iniciativa pertencia a estrangeiros e o govêrno russo, ou não deu nenhuma resposta a essas propostas ou se limitou a pedir informações suplementares sem tomar nenhuma medida para realizá-las. Neste período, segundo os planos de Pedro-o-Grande, realizavam-se expedições para a exploração da parte norte do Pacífico e das regiões adjacentes (as de Behring e Tchircov), pois a América do Sul suscitava pouco interêsse na Rússia.

CONDE EMMANUEL DE BENNIGSEN